

**“O jovem não quer mais pescar”:** compreendendo a narrativa da não permanência na pesca a partir de diálogos com pescadores artesanais das comunidades de pesca artesanal de Búzios, Arraial do Cabo e São João da Barra, situadas no litoral Fluminense.

**Renan Assis<sup>1</sup>**  
**Juliana Cunha<sup>2</sup>**  
**Wania Mesquita<sup>3</sup>**  
**Barbara Carvalho<sup>4</sup>**  
**Matheus Castro<sup>5</sup>**

## **Resumo**

O presente trabalho busca compreender como jovens filhos de pescadores artesanais percebem e se relacionam com a pesca no estado do Rio de Janeiro. Pesquisas sobre o tema (Diegues, 1983; Duarte, 1999; Vailati, 2014) indicam que os pescadores mais velhos têm adotado um discurso contrário à permanência de seus filhos na pesca. A partir de 2 distintas trajetórias de jovens filhos de pescadores artesanais, o trabalho objetiva discutir como os próprios jovens comunicam suas intenções de futuro e articulam suas ações presentes visando a assegurar seus objetivos. Considerando-se o contexto econômico e sociocultural no qual estão inseridos, através destas trajetórias, o trabalho busca também discutir a dicotomia permanência/mudança que perpassa a categoria “comunidade tradicional” com a qual estão identificados.

## **Introdução**

Este trabalho é resultado de pesquisa financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo IBAMA. Pesquisas anteriores e atuais têm destacado que os pescadores artesanais mais velhos vêm adotando um discurso contrário à permanência dos jovens nessa atividade e que estes, por sua vez, tem buscado maior inserção na educação formal (Diegues, 1983; Duarte, 1999; Vailati, 2014). Os dados do Censo

---

<sup>1</sup> Pós-doutorando pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf).

<sup>2</sup> Pós-doutoranda pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf).

<sup>3</sup> Docente na Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf).

<sup>4</sup> Pós-doutoranda pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf).

<sup>5</sup> Graduando pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf).

Pescarte<sup>6</sup>, realizado em 2016, alertam para o fato de que os pais e mães envolvidos com a pesca artesanal não desejam que seus filhos sejam pescadores. De acordo com Timóteo (2019), mais de 80% dos pescadores entrevistados neste Censo disseram não querer que seus filhos(as) sigam na pesca.

De acordo com tais pesquisas, o jovem pescador, por estar em contato com outros mundos para além da comunidade pesqueira, estaria mais suscetível às novidades e acabaria ampliando seu horizonte de possibilidades em relação às gerações anteriores. Em vários povos e sociedades pode ser observado a necessidade de socializar os mais jovens para se manterem e reproduzirem sua cultura. Por outro lado, inevitavelmente, as novas gerações podem não incorporar todas as expressões e significados sociais. Algumas práticas e valores são deixados de lado por essas gerações, que criam outros. Como bem coloca Barros (2006): “A combinação de elementos aparentemente inconciliáveis de mudança e permanência faz parte das experiências de vida das diferentes gerações” (Barros, 2006: 17-18).

Considerando tais pesquisas sobre juventude em contextos de pesca e outros, emerge a questão da descontinuidade e a ruptura entre uma hipotética geração de adultos e uma de jovens. O presente trabalho, desenvolvido no âmbito do PEA-Pescarte, busca apresentar 2 distintas trajetórias de jovens oriundos de famílias de pescadores artesanais do estado do Rio de Janeiro. A partir dessas trajetórias, o trabalho objetiva, através dos conceitos de “projeto” e “campo de possibilidades” (Velho: 1981, 1994), pensar como os próprios jovens percebem a pesca artesanal e o como se relacionam com ela. Trata-se de pensar, não apenas o que querem seus pais, mas sobretudo como os próprios jovens comunicam suas intenções de futuro e articulam suas ações presentes em termos da realização de seus objetivos, considerando-se o contexto econômico e sociocultural no qual estão inseridos.

Tais trajetórias muito revelam sobre as perspectivas de mudança e de continuidade do modo de vida que tradicionalmente caracteriza o dos pescadores artesanais. Conhecer melhor as tendências predominantes entre os mais jovens é também uma forma de conhecer o futuro de suas sociedades, conforme nos lembra Mariz, Mesquita e Araújo (2018). Através destas trajetórias é possível também buscar discutir, portanto, sobre a

---

<sup>6</sup> O Projeto de Educação Ambiental Pescarte (PEA Pescarte) PEA Pescarte é um projeto de mitigação socioambiental desenvolvido por meio da gestão compartilhada entre a Petrobras e a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), sob supervisão do IBAMA, em cumprimento a uma exigência legal do Licenciamento Ambiental dos empreendimentos marítimos de exploração e produção de petróleo e gás da Petrobras na Bacia de Campos.

dicotomia permanência/mudança que perpassa a categoria “comunidade tradicional” com a qual estão identificados.

## 2. Perspectiva teórico-metodológica

A categoria social jovem foi pensada na literatura socioantropológica, destacando-se a liminaridade que fortemente caracteriza essa fase da vida ao marcar a transição da infância para a vida adulta. Grande parte dos trabalhos que se dedicaram a pensar a juventude não-ocidental centrou a análise nos chamados ritos de passagem (FIRTH, 1998 [1936]; VAN GENNEP, 2011 [1977])<sup>7</sup>. A importância desses ritos está justamente em destacar a juventude como uma etapa liminar, na qual não se é mais criança e nem tampouco adulto. É possível dizer que a grande contribuição desses estudos à temática da juventude foi a desconstrução da ideia de que a transição para a vida adulta estaria relacionada às mudanças físicas e hormonais. A partir desses estudos evidenciou-se que a passagem entre a infância e a vida adulta se configura como uma mudança de status social e não de referência biológica.

Isso posto, a juventude como uma categoria formada pelos indivíduos a partir de suas expressões em determinado período da vida apresenta múltiplos significados e varia conforme os processos históricos de acordo com as distintas culturas e contextos econômicos, sociais, como já mostraram, entre outros, Ariès (1981) e Bourdieu (1983). Nesse sentido, os limites etários são produtos históricos, que em cada tempo e lugar existem diferenças sobre a definição do que é “ser jovem”.

A juventude ora se apresenta como um grupo aparentemente homogêneo se comparamos a fase dos jovens com as demais, ora se apresenta como um conjunto heterogêneo quando a fase dos jovens é vista como um conjunto social com atributos sociais na qual eles se diferenciam uns dos outros. Com efeito, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações (Pais, 1990:149). De acordo ainda com Pais (2003), a corrente geracional toma a noção de juventude como uma fase da vida, destacando o aspecto unitário da juventude, já a corrente classista, percebe a reprodução social da juventude em termos de classes sociais. Desse modo, a transição dos jovens para a vida adulta estaria

---

<sup>7</sup> Uma exceção é o clássico *Coming of Age in Samoa* (1949), no qual Margaret Mead centra a análise nos processos formadores da condição infantil e juvenil entre os nativos da ilha.

pautada por desigualdades sociais. Pensar os jovens filhos de pescadores é pensar, portanto, uma etapa de suas vidas, dentro de um determinado contexto socioeconômico, que não se limita a uma questão etária (Mannheim, 1982).

Conforme destacam Bittencourt e Pereira (2021), para as agências mundiais e governos nacionais, os jovens são pessoas entre 14 e 34 anos de idade. Todos os contextos locais, no entanto, têm a sua definição de juventude. Menos do que um corte etário, entende-se aqui por jovens aqueles que foram na sua comunidade identificados como tal. Os 12 entrevistados nessa pesquisa foram apontados como jovens pela “equipe de campo” do PEA-Pescarte. A nossa solicitação à equipe foi pelo contato de “jovens que tivessem alguma relação com a pesca”. Foram entrevistados 12 jovens, alguns indicados pela equipe e outros apontados por aqueles anteriormente entrevistados.

Desses 12 jovens, 10 tem entre 16 e 19 anos, são filhos de pescadores, apenas 1 pesca profissionalmente e outros 9 seguem ou almejam seguir o caminho do estudo formal. Os outros 2 jovens não são filhos de pescadores, tem mais de 22 anos e, após perderam o emprego, começaram a pescar como uma fonte alternativa de renda. No presente trabalho, concentraremos nossos esforços de análise em apenas duas dessas 12 trajetórias. A primeira trajetória escolhida é a do jovem Wellington, por ela muito bem expressar o projeto da maioria dos jovens entrevistados que optaram por seguir o caminho da escolarização formal, em detrimento ao da pesca artesanal. A segunda trajetória é a do jovem Kauã e será apresentada como um contraponto à trajetória de Wellington, uma vez que ele foi o único jovem entrevistado que pesca profissionalmente e afirma gostar de ser pescador.

Cabe aqui um adendo em relação à pesquisa de Campinho (2021), que empenhou uma profunda análise sobre a trajetória de jovens da pesca artesanal no Norte Fluminense, com destaque especial para a juventude pesqueira do município de São João da Barra, apontando aspectos como seu processo de socialização, a identidade da pesca, às possibilidades de trabalho e educação. Este trabalho que esta geração de jovens de 18 a 29 se distingue das anteriores, em relação às oportunidades de escolarização e às possibilidades de trabalho na região. Ainda assim, aqueles que pretendem ser pescadores, apostam na necessidade de ações educativas e de políticas públicas com o objetivo de que a pesca ganhe maior protagonismo.

Foram realizadas 12 entrevistas semi-estruturadas com jovens de 3 municípios do estado do Rio de Janeiro: São João da Barra, Búzios e Arraial do Cabo. A escolha dos

municípios foi feita a partir de demandas do projeto PEA-Pescarte, sem nenhuma relação específica com a questão da juventude nesses municípios.

As entrevistas foram realizadas pela equipe da linha de pesquisa “Juventude e modo de vida” do PEA-Pescarte, a partir de um roteiro previamente elaborado pela mesma. Tais entrevistas foram realizadas durante a pandemia Covid-19, entre os meses de julho e outubro de 2021 e, em respeito às necessárias medidas de distanciamento social, a equipe de pesquisa utilizou a plataforma digital Google Meet. Tal estratégia para a realização das entrevistas colocou alguns importantes desafios à aproximação entre os pesquisadores e jovens entrevistados, permitindo algumas reflexões sobre a forma como o material empírico dessa pesquisa foi produzido nessas relações mediadas pela internet.

Em um primeiro momento, através das “equipes de campo” do projeto, levantamos os contatos telefônicos de alguns jovens que tinham alguma “relação com a pesca” nestes municípios. Através de ligações telefônicas e da plataforma WhatsApp, buscou-se o estabelecimento de contato com os jovens indicados e, em conformidade com suas disponibilidades de horários, os encontros virtuais no Google Meet foram marcados. Não sem alguma dificuldade para convencê-los a participar, as entrevistas foram então, aos poucos, realizadas e gravadas.

Diante da pandemia do Covid-19 e das medidas de distanciamento social dela decorrentes, impôs-se a necessidade de pensar os limites e possibilidades de realizar pesquisa qualitativa utilizando-se as plataformas digitais. A reflexão sobre o uso de tais plataformas na realização de pesquisas qualitativas e etnográficas é anterior a pandemia, datando da década de 90, mas essa passou por uma profunda retomada e adensamento em virtude da pandemia. Pensar em formas possíveis de aproximação com esses jovens através da internet e nos impactos que esse tipo de contato remoto pode ter no conhecimento produzido pela pesquisa tornou-se uma questão pensada e trabalhada em rodadas de leituras (Miller&Slater, 2004; Hine, 2020; Lévy, 2003; Segata, 2020) e discussão pela nossa equipe.

Ainda que não buscássemos fazer uma etnografia digital, algumas reflexões foram necessárias para pensar o contexto no qual as entrevistas semi-diretivas seriam produzidas. Nesse tipo de entrevista faz-se necessário criar condições para o diálogo, buscando, por exemplo, que o entrevistado possa trazer questões que não estavam contempladas em nosso roteiro. Não foi fácil convencer a todos participarem e nem todos tiveram o mesmo interesse ou facilidade de nos contar um pouco de suas vidas e planos futuros. Acreditamos, no entanto, que por se tratar de um público jovem, mais

familiarizado com smartphones e rede sociais, a experiência da entrevista on-line tenha rendido um material, que nos permitiu a elaboração desse trabalho.